



Adriana Cristina de Oliveira

INVESTIGANDO A LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA: uma análise das reações discursivas presentes nos comentários de uma publicação do Facebook

Lavras – MG

2021

Adriana Cristina de Oliveira

INVESTIGANDO A LINGUAGEM NÃO-BINÁRIA: uma análise das reações discursivas presentes nos comentários de uma publicação do Facebook

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Pauline Freire Pimenta

Lavras – MG

2021

Dedicatória:

À Dalton, meu noivo, pelo companheirismo, pela paciência e compreensão em todo meu processo de escrita deste trabalho.

Aos meus pais, João e Marlene, pelo apoio de sempre em todas as minhas empreitadas.

À Priscila, minha irmã, pela amizade e ajuda.

À Pauline, minha orientadora, pelo carinho, paciência e confiança.

A todos/as que de alguma forma me ampararam neste árduo processo de elaboração da escrita acadêmica.

Agradecimento

Agradeço, antes de tudo, a Deus pela força para superar as dificuldades e não desistir diante dos obstáculos e acreditar sempre que é possível.

Aos meus pais, Marlene e João, que pela simplicidade me ensinam todos os dias. Muitas vezes, não compreendiam meus caminhos, mas sei que sempre torceram por mim.

À minha irmã Priscila pela ajuda, confiança, espírito otimista que me fizeram continuar e concluir essa árdua caminhada.

Ao meu noivo, Dalton, pela imensa paciência e apoio diante de minhas angústias. Por me acalmar nos momentos difíceis e acreditar em mim, quando eu mesma não acreditava. Ele quis participar das minhas lutas, compartilhar todos os momentos, de alegria e de angústia. Por estar em toda esta caminhada comigo e me incentivar, vibrar, eu agradeço!

À Universidade Federal de Lavras (Ufla) e ao Departamento de Estudos da Linguagem pela oportunidade de acesso e conclusão deste curso nessa universidade.

Aos professores e professoras do Departamento de Estudos da Linguagem da Ufla pelo comprometimento e pela atenção neste rico processo de aprendizagem.

Agradeço, especialmente, a professora Pauline pela sua orientação calma e carinhosa que compreendeu minhas dificuldades e angústias durante este processo de construção do trabalho. Sua confiança em mim e em meu trabalho possibilitaram sua finalização.

À Professora Maria Carmen Gomes e ao Professor Marcio Cano pela leitura atenta e criteriosa e pelas contribuições ao meu trabalho.

A todos e todas meu agradecimento pelas contribuições para a construção desses conhecimentos!

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre a linguagem não-binária que envolvem as questões linguísticas e de gênero, tendo como foco de trabalho a investigação e análise das reações discursivas quanto à utilização dessa linguagem - que tem o intuito de produzir uma língua/linguagem mais inclusiva - em comentários na internet. Como as pessoas respondem a linguagem não-binária e se há conhecimento por parte delas das questões que envolvem seu uso são pontos pertinentes de reflexão. Desse modo, o tema se apresenta atual e de relevância, visto que alguns grupos se utilizam da linguagem não-binária e, muitos outros, não a conhecem e não têm conhecimento sobre o motivo de sua utilização. O objetivo deste trabalho é analisar as reações discursivas quando se trata da marcação não-binária presente em alguns comentários de um post na rede social Facebook, da página, “Gramática Sarcástica da Língua Portuguesa”, identificando, dessa maneira, as reações de alguns sujeitos em relação à linguagem não-binária, conhecendo o ponto de vista de grupos favoráveis ou não ao seu uso. Para tanto, buscou-se os referenciais teóricos linguísticos e sobre gênero para realizar a análise dos comentários presentes no post que trata de uma reportagem em que o gramático Evanildo Cavalcante Bechara fala sobre ser acusado de sexismo no uso da língua. Esses comentários foram analisados à luz da classificação de reações discursivas de Nogueira; Arão (2015) e expandida por Gomes (2017) e com considerações advindas do Sistema de Avaliatividade (MARTIN, WHITE, 2005). Nossa análise aponta que grande parcela dos comentários a valoração negativa é percebida, muitas vezes, demonstrando falta de conhecimento das justificativas entrelaçadas ao uso da linguagem neutra, ou não-binária.

Palavras-chave: Linguagem não-binária. Facebook. Reações discursivas.

Abstract

This article presents a reflection on non-binary language involving linguistic and gender issues, focusing on the investigation and analysis of discursive reactions regarding the use of this language - which aims to produce a more inclusive language/language - in internet comments. How people respond to non-binary language and whether they are aware of the issues surrounding its use are pertinent points of reflection. Thus, the theme is current and relevant, as some groups use non-binary language and many others do not know it and are not aware of the reason for its use. The objective of this work is to analyze the discursive reactions when it comes to the non-binary markup present in some comments of a post on the social network Facebook, on the page – “Sarcastic Grammar of the Portuguese Language”, thus identifying the reactions of some subjects in relation to non-binary language, knowing the point of view of groups favorable or not to its use. Therefore, we searched for linguistic and gender theoretical references to analyze the comments present in the post that deals with a report in which the grammarian Evanildo Cavalcante Bechara talks about being accused of sexism in the use of language. These comments were analyzed in light of the classification of discursive reactions by Nogueira; Arão (2015) and expanded by Gomes (2017) and with considerations arising from the Evaluation

System (MARTIN, WHITE, 2005). Negative is often perceived, demonstrating a lack of knowledge of the justifications intertwined with the use of neutral or non-binary language.

Keywords: Non-binary language. Facebook. Discursive reactions.

Sumário

Introdução	8
1.Referencial teórico.....	9
1.1.Considerações sobre a linguística e a neutralização de gênero.....	9
1.2 Teoria Queer: as razões para a utilização de uma linguagem neutra ou não-binária	10
1.3 Investigando trabalhos sobre a neutralização de gênero na linguagem.....	12
1.4 Apontamentos sobre as reações discursivas.....	14
2. Metodologia.....	16
3.Análise e discussão dos dados.....	17
Considerações Finais.....	23
Referências Bibliográficas.....	25

Introdução

Este artigo realiza um estudo sobre a utilização da linguagem não-binária – que tem o intuito de produzir uma língua/linguagem mais inclusiva - que envolvem aspectos linguísticos e referentes aos conhecimentos sobre gênero, tendo como foco a investigação e análise de comentários na internet. O objetivo é analisar as reações discursivas quando se trata da marcação não-binária presente em alguns comentários de um post na rede social Facebook da página “Gramática Sarcástica da Língua Portuguesa”. Como as pessoas respondem a linguagem não-binária e se há conhecimento por parte delas das questões que envolvem seu uso são pontos pertinentes de reflexão. Desse modo, o tema se apresenta atual e relevante, visto que alguns grupos se utilizam da linguagem não-binária e, muitos outros, não a conhecem e não têm conhecimento sobre o motivo de sua utilização. Além disso, diversos trabalhos acadêmicos na área dos Estudos Culturais se apropriam dessa linguagem, que tem a intenção de obter uma língua/linguagem mais inclusiva.

Este trabalho expõe por meio da análise dos comentários na rede social facebook a forma como o social se apresenta retratado nas relações discursivas, identificando, dessa maneira, as reações de alguns sujeitos em relação a uma linguagem não-binária, conhecendo o ponto de vista de grupos favoráveis ou não ao seu uso. Inicialmente, apresentaremos alguns conceitos essenciais para o entendimento da temática e que norteiam a justificativa do uso de marcações não-binárias.

Uma teoria importante que embasa o uso das marcações de neutralidade é a Teoria Queer. Esta teoria apresenta uma diferenciação entre gênero/orientação sexual e sexo, e segundo a mesma, o gênero e a orientação sexual não seriam determinados pela biologia, mas por fatores sociais.

Posteriormente, é apresentada uma exposição de trabalhos que trataram da temática no intuito de compreender os posicionamentos diversificados sobre o assunto que buscam uma linguagem não sexista.

Logo após, busca-se explicar as reações discursivas que serão a base da análise das opiniões obtidas pela coleta de um pequeno grupo de comentários realizada na rede social Facebook.

A análise dos comentários será do post que trata de uma reportagem em que o gramático Evanildo Cavalcante Bechara fala sobre ser acusado de sexismo no uso da língua. Esses comentários serão analisados à luz da classificação de reações discursivas de Nogueira, Arão (2015) e expandida por Gomes (2017) e com considerações advindas do Sistema de Avaliatividade (MARTIN, WHITE, 2005).

1.Referencial teórico

1.1 Considerações sobre a linguística e a neutralização de gênero

Schwindt (2020) aponta sobre a necessidade de existir um consenso de que a comunicação em uma língua/dialeto depende de categorizações abstratas ou amplas de tal forma que alcancem toda a coletividade. Ainda afirma que o coletivo em gramática é obtido por meio de um sistema que maneja primitivos linguísticos que garantem oposições.

Schwindt (2020) aponta dados que ressaltam que, apenas, 4,9% das palavras se sujeitam à oposição masculino/feminino, desses 1,5% opõem –a a –o. O que nos faz termos a impressão que há a prevalência das palavras masculinas é a existência entre os biformes sexuados que opõem –a a –o, a predominância de masculinos no uso. (SCHWINDT, 2020).

Apesar de Schwindt (2020) considerar qualquer forma de uso da linguagem que tem como objetivo a comunicação apresentar algum potencial de promover mudança e ser legítimo, destaca que a mudança é medida pela abrangência do coletivo. Embora, a motivação linguística seja importante a marcação –e, para Schwindt (2020), dificilmente pode ser considerada o elemento neutro no português. Primeiro, porque não oferece contraste morfofonológico robusto, já que pode representar masculino e feminino; segundo, porque não oferece contraste semântico robusto.

Em uma perspectiva diferente, Borba (2020) explana sobre o entendimento da Língua Queer, da relação entre, o que denomina, monstrosidade subversiva queer com a linguística. De acordo com Borba (2020) a preocupação da LQ são os:

[...] falantxs transviadx em suas performances situadas. Por falantxs transviadx entendo aqueles que, em suas ações linguísticas justapõem registros, estilos, léxicos, gêneros do discurso, sintaxes e variedades que contradizem as expectativas de como, o que, quando, com quem, onde deveriam falar, engajando-se, assim, em práticas translinguísticas que xs colocam nas fronteiras entre gêneros e sexualidades por atravessarem normas do que é legitimamente aceito.(BORBA, 2020, p. 391).

Esses falantxs transviadx são os grupos de falantes que desviam das formas normativas e socialmente aceitas, do que é esperado. Desse modo, a Linguística Queer disponibiliza voz para os que até então se encontravam calados, sendo colocados de lado nos estudos linguísticos. Segundo Borba (2020) os falantxs de interesse da LQ são os que mesclam o impossível com o proibido. Assim, a concepção queer nos estudos linguísticos possibilita:

[...](1) alargar o escopo de contextos socioculturais investigados, (2) redefinir os sujeitos de pesquisa, (3) questionar a suposição de que formas específicas de usar a linguagem são derivadas do sexo de falantes (“homens falam assim; mulheres falam assado”) e, sobretudo, (4) produzir pesquisas socialmente responsivas que possam nos ajudar a repensar a sociedade e redesenhar futuros a partir da experiência vivida daqueles que sofrem os efeitos materiais das normas.(BORBA, 2020, p. 405).

Essas normas restringem as possibilidades das diferenças prosperarem. Dessa maneira, a Linguística Queer, de acordo com Borba (2020) está centrada nos falantes não ideais, naqueles que transgridem as normas de gênero, sexualidade e língua. “É essa monstruosidade que interessa a LQ em sua crítica social[...]”. (BORBA, 2020,p. 406). Considerando isso, é necessário ter um olhar amplo para compreender a importância de uma linguagem neutra.

1.2 Teoria Queer: as razões para a utilização de uma linguagem neutra ou não-binária

A tendência ao uso da linguagem neutra está baseada nos conhecimentos da Teoria Queer e possui importantes contribuições dos estudos de Foucault sobre as sexualidades e as relações de poder. De acordo com Assis Neto (2015) os estudos de Foucault instigaram a revisão de aspectos como a naturalização,

a patologização e a disciplinarização dos corpos. A Teoria Queer aparece em um época de crise das políticas identitárias.

Louro(2001) traduz a palavra queer como estranho, excêntrico. Porém, também foi utilizada para designar de forma pejorativa os grupos homossexuais. Esses adotam este termo como uma forma de objetar e se colocar contra a heteronormatividade¹. O termo queer concebe a diferença que não quer ser tolerada.

Os estudos queer se propagam, de acordo com Louro (2001) nos anos 90, quando intelectuais usam o termo para expor suas pesquisas e perspectivas teóricas. Apesar de se constituir um grupo diversificado, há ideias amplas compartilhadas, como a base na teoria pós-estruturalista.

Louro (2001, p.547) percebe que o movimento em questão não se construiu com momentos pontuais, mas durante o século XX foram se problematizando questões como a ideia de “[...] sujeito, de identidade, de agência e de identificação.”. Assim, de acordo com Louro (2001), entende-se que a Teoria Queer surgiu em um processo que foi se desenrolando durante o século XX, com as pesquisas que questionavam os conhecimentos clássicos, como Freud e seus estudos que trataram do inconsciente. Posteriormente, também, houve contribuições de Lacan, segundo Louro (2001), e sua problematização do processo de identificação, pois coloca o sujeito como quem conhece de si apenas através do outro. Ainda Louro (2001) afirma que a autodeterminação também é colocada em questão, com as ideias de Althusser que demonstra que o sujeito é apanhado pela ideologia e se sujeita supostamente de forma livre. Louro (2001) destaca que Foucault e seus estudos das sexualidades e as relações de poder são relevantes para a formulação da Teoria Queer, como as relações entre poder e saber, pois problematiza e busca revisar as ideias de sexualidade. Derrida, é apresentado por Louro (2001), como um estudioso que conduz, o que depois passa a ser denominada Teoria Queer, já que baseia seu procedimento metodológico da desconstrução, desestabilização dos binarismos linguísticos e conceituais.

¹ A heteronormatividade que se define por uma norma compulsória à heterossexualidade, está apoiada na ligação entre sexo, gênero e expressão da sexualidade (LOURO, 2009, p.90).

Segundo, Louro (2001) uma das representantes mais reconhecidas nesses estudos é Judith Butler. Butler (1999) afirma que a sociedade constrói normas que visam regulamentar e materializar o sexo dos sujeitos, porém, esse não se adaptam as normas estabelecidas. A questão linguística pode ser notada nos estudos de Butler quando, Louro (2001, p. 548) afirma que:

Judith Butler toma emprestado da linguística o conceito de performatividade, para afirmar que a linguagem que se refere aos corpos ou ao sexo não faz apenas uma constatação ou uma descrição desses corpos, mas, no instante mesmo da nomeação, constrói, 'faz' aquilo que nomeia, isto é, produz os corpos e os sujeitos. (LOURO, 2001, p. 548).

A afirmação de que a linguagem produz os corpos, nos leva a uma primeira constatação dos motivos que determinados grupos utilizam formas linguísticas que buscam uma neutralidade de gênero.

Essa nova forma de linguagem empregada na língua portuguesa que tenta fazer uso de uma forma que não marque exclusivamente um gênero binário pretende dar espaço para outros sujeitos que não se enquadrem nas “duas caixinhas”: masculino ou feminino. A linguagem neutra considera, também, que “[...] a forma masculina tem prestígio social maior e é utilizada como “generificador” nos discursos” (LAU, SANCHES, p. 91, 2019). Sendo a língua um lugar de construção de sentido e representação, de acordo com Lau; Sanches (2019), ela precisa representar esses sujeitos que não se encaixam no gênero binário. Esses estudiosos, ainda, afirmam que a língua é uma forma de questionar as relações de poder e as discussões sobre igualdade podem ser realizadas também no campo linguístico. Considerando essa afirmação, partiremos para a apresentação de alguns trabalhos que trazem a temática da neutralização de gênero na linguagem.

1.3 Investigando trabalhos sobre a neutralização de gênero na linguagem

Durante uma busca de marcações que visam uma neutralidade de gênero, ou a inclusão do feminino na língua, pôde-se encontrar o livro de Tiburi (2018) intitulado “Feminismo em comum: para todos, todes e todos” em que há

o uso da marcação de neutralidade de gênero. Apesar de o livro tratar mais especificamente do feminismo e não do termo Teoria Queer, já podemos perceber que a marcação não-binária está presente em diversos meios de comunicação, desde as redes sociais até em trabalhos científicos.

Pessotto (2019) em seus estudos linguísticos busca discutir sobre linguagem inclusiva a partir do estudo da estrutura da língua. Assim, apresenta as marcações utilizadas no intuito de neutralização do gênero.

Estratégias populares para neutralização de gênero gramatical são o '@' como marcação da binaridade e, a partir da década de 1980, com a Teoria Queer, o 'x' (remetendo à variável incógnita da matemática) para neutralizar o mesmo binarismo e representar melhor o leque de identidades de gênero. Além dessas, especificamente para o Português, encontra-se a proposta do uso de 'ae' para neutralizar palavras com tema em '-e', como 'eles', que seria grafada 'elaes' quando se referir a um grupo misto. Finalmente, encontra-se o uso do '-e' para marcar neutralidade em palavras em que há oposição binária, como 'alunes'[...]. (PESSOTTO, 2019, p. 161).

Essas criações de marcações de não-binaridade, de acordo com Pessotto (2019) são preocupantes a alguns linguistas já que interfere na organização interna da língua. Apesar de Pessotto (2019) considerar as inquietações percebe a necessidade do linguista estar olhando seu objeto de estudo e descrevendo as formas que possam surgir.

Ainda sobre trabalhos que expõe esta perspectiva da linguagem, Toledo et al. (2014) apresenta um “Manual para uso não sexista da linguagem”, apesar de não trabalhar com o uso de marcações não- binárias, pode-se perceber a discussão sobre a linguagem e as problemáticas envolvendo gênero. O manual busca, apenas, ressaltar a questão da presença feminina e não da não-binaridade.

REVISANDO: A – Não usar formas sexistas ou androcêntricas. Tornar visíveis as mulheres e, portanto, não usar o masculino como genérico (o masculino é masculino, não é genérico). B – Quando se fizer uma oferta de emprego deve aparecer o feminino e o masculino. Preferentemente, como uma ação positiva, colocar sempre primeiro o feminino e depois o masculino. C – Enquanto a linguagem continuar carregada de estereótipos, não convém dissimular a visibilidade das mulheres. Por isso é importante evitar as barras diagonais: “oferece-se trabalho a costureira/o”. Não se devem usar parênteses

“buscamos um (a) advogado (a)”. Nesse mesmo sentido é preciso eliminar os símbolos que não são legíveis ou que não é verdadeiramente representação do feminino: `querid@s` `amig@s` ou `todxs juntxs`. (TOLEDO et al., 2014, p. 67-68).

A questão de eliminar as marcações de neutralidade de gênero já nos remete a ideia de que o manual não se embasa nos arcabouços da teoria queer. Porém, se apresenta sugestões de mudanças na linguagem, para tornar as mulheres mais visíveis no âmbito linguístico e conseqüentemente na sociedade. Contudo, o livro não coloca como válido o uso das barras diagonais, os parênteses ou mesmo o que denominou de símbolos não legíveis, como: @, x. As discussões do livro são mais superficiais, já que aborda, apenas, a questão de apresentar o gênero feminino quando se referir às mulheres. Nas conclusões construídas no livro, existe um discurso da dicotomia entre masculino e feminino, mas há a sugestão de mudanças simples na forma de estruturar o discurso na tentativa de evitar isso.

Em posse dos conhecimentos expostos até aqui sobre a temática, no próximo item trataremos das reações discursivas que serão a base para a análise que se pretende realizar neste trabalho.

1.4 Apontamentos sobre as reações discursivas

Com base na classificação elaborada sobre as reações discursivas de Nogueira, Arão (2015) e ampliada por Gomes (2017) serão realizadas as análises e discussões dos comentários selecionados neste trabalho.

Essas classificações estão inseridas na teoria da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) que proporciona contribuições para a análise de léxicos-gramaticais e esses auxiliam na ligação aos dados contextuais. Sendo assim, as escolhas léxicos-gramaticais estão relacionadas a construção de significados. (CRUZ, 2018)

O Sistema de Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005) é baseada na abordagem da LSF. Esse sistema possibilita analisar a forma como os falantes se posicionam em relação a um texto, uma pessoa, no caso deste trabalho, a linguagem não-binária. O Sistema de Avaliatividade considera que as escolhas lexicais são realizadas considerando preferências e em oposição a outros léxicos (CRUZ, 2018). Gomes (2017) considera das contribuições do Sistema de

Avaliatividade para propor os seis tipos de reações discursivas para a análise de comentários: reações discursivas engajadas, reações discursivas de condenação, reações discursivas de admiração, reações discursivas de crítica, reações discursivas de aprovação e reações discursivas de apreciação.

Nogueira, Arão (2015) quando cunham o termo reações discursivas partem da ideia de que o receptor não é passivo e utiliza essas classificações para realizar a análise de comentários do Facebook. Nesta rede social existe a possibilidade do internauta curtir, compartilhar ou comentar, entretanto, o foco deste trabalho serão, apenas, os comentários.

Gomes (2017) considera reações discursivas os comentários escritos pelas pessoas que acessaram uma notícia em meios midiáticos, ou seja, suas ações e interações discursivas voltadas a uma pessoa, um fato ou um tema postado. Essas reações podem ser transacionais que acontecem na relação entre internautas ou não-transacionais em que o foco são as notícias veiculadas nos textos midiáticos.

No Sistema de Avaliatividade proposto por Martin e White (2005) há três subsistemas principais: Atitude, Engajamento e a Gradação. No subsistema Atitude estão as questões referentes ao Afeto, Julgamento e à Apreciação.

White (2004) trata da abordagem de valoração para as avaliações de narrativas na perspectiva dos significados atitudinais que são organizadas em três grandes grupos semânticos. O primeiro apresentado é o do “Afeto” que trata das emoções positivas e negativas produzidas por uma escrita, fala de outrem.

O segundo grupo refere-se ao “Julgamento” que diz respeito sobre a aceitabilidade de determinados comportamentos com base em um tipo de sistema de normas sociais. E, por fim, a “Apreciação” que tem como referência as qualidades estéticas. Essas atitudes e avaliações podem ocorrer de forma direta ou implícita, ou seja, os significados positivos e negativos estão postos ou não. No último caso, quando os significados não estão explícitos, a avaliação dependerá de inferências.

White (2004) afirma que as Atitudes e Avaliações de Afeto são reações imprevisíveis e particulares, ou seja, de cada indivíduo em relação a um estímulo. Já o Julgamento e a Apreciação são as formas de sentimento institucionalizadas, ou seja, a sociedade que dita o comportamento correto.

Com base nesses estudos Gomes (2017, p. 181) elabora seis tipos de reações discursivas para análise de práticas sociais, principalmente, midiáticas:

Reações discursivas engajadas (refuta, contrapõe, concorda, endossa), Reações discursivas de condenação (julga moralmente), Reações discursivas de admiração (julga positivamente as condutas sociais), Reações discursivas de crítica (julga negativamente as condutas sociais), Reações discursivas de aprovação (elogia positivamente), Reações discursivas de apreciação (avalia qualidades estéticas).

Essas reações discursivas postas como categoria analítica serão utilizadas para observar as formas de os sujeitos se representarem e se identificarem nos textos, e em práticas discursivas digitais. Desse modo, essa classificação será tomada neste trabalho para a realização da análise dos comentários do Facebook.

2. Metodologia

Com base na teoria da Avaliatividade de White (2004) organizou-se, a princípio, os comentários selecionados para análise em três campos semânticos, de Afeto, Julgamento e Apreciação, considerando as conotações positivas e negativas.

O modelo de Avaliação e Engajamento elaborado por Peter White foi ampliado por Gomes (2017) que propõe seis classificações de reações discursivas: reações discursivas engajadas, reações discursivas de condenação, reações discursivas de admiração, reações discursivas de crítica, reações discursivas de aprovação, reações discursivas de apreciação. Essas reações serão analisadas em cada comentário selecionado.

Para procedermos à análise dos dados, ilustraremos as categorias em um quadro:

Teoria/Autor	Categoria(s)	Conotação – positiva ou negativa
Avaliatividade	Afeto	Positiva ou negativa

	Julgamento	
	Apreciação	
Reações discursivas	Reações discursivas engajadas (refuta, contrapõe, concorda, endossa),	Positiva ou negativa
	Reações discursivas de condenação (julga moralmente),	Negativo
	Reações discursivas de admiração (julga positivamente as condutas sociais),	Positivo
	Reações discursivas de crítica (julga negativamente as condutas sociais),	Negativo
	Reações discursivas de aprovação (elogia positivamente),	Positiva
	Reações discursivas de apreciação (avalia qualidades estéticas).	Positiva

Quadro 1- Categorias de análise (elaborado pela autora)

Durante as análises destacamos em negrito, fragmentos, como palavras, expressões ou ocorrências de gradação em que pode-se notar as manifestações das reações discursivas. A seguir serão explanadas as discussões produzidas em relação aos comentários baseados nas teorias do quadro descrito acima.

3. Análise e discussão dos dados

A postagem que desencadeou os comentários dos internautas encontra-se na página do Facebook “Gramática Sarcástica da Língua Portuguesa” que tem como objetivo ironizar o português em sua forma culta. A página é composta

por 30.917 seguidores. A publicação em questão trata da posição de um gramático, Evanildo Bechara, em relação às críticas que sofreu por defender as regras consideradas sexista, binária e elitista. Esse post aconteceu no dia 26 de setembro de 2020 e teve 2.600 curtidas, 1000 compartilhamentos e 504 comentários.

Figura 1: Página do Facebook



Para a seleção dos comentários foi utilizado como um dos critérios o foco na questão da linguagem não binária ou a utilização da linguagem neutra no comentário realizado pelo internauta. Foram excluídos as reações ao comentário de outros internautas, ou seja, não serão analisadas as reações transacionais, apenas, as não-transacionais.

Para procedermos à análise, colocaremos o comentário selecionado e em seguida a análise propriamente dita com as classificações de acordo com as categorias e as reações discursivas.

*Trecho 1 :“**Legal** que ele fala exatamente o que defensores da linguagem neutra afirmam, que a língua é "viva" e, portanto, não depende da vontade dos **falantes**. **Mas** acho que essa lógica **só é legal** pra quem é **empoderade**.” (grifo nosso)*

O autor deste comentário estabelece pontos de convergência entre o que falam os defensores da língua neutra e o gramático, mas como julgamento negativo em relação ao gramático e positivo ao que se refere ao uso da linguagem não-binária. O termo (qualidade) “legal” está carregado de denotação irônica, se apresentando com a finalidade de reforçar, segundo as observações do discurso do interactante, que o gramático que foi alvo do post tem pontos em comum com os defensores da linguagem neutra, quando usa o indicador “exatamente”. O advérbio “mas” que coloca uma condição, reforça a ideia de ironia do “legal” na primeira frase, endossando a posição de concordância com o uso da linguagem não-binária. Depois, para mostrar o que seria uma incoerência do gramático há a utilização do termo “só é legal”, ou seja, exclui-se o grupo dos que defendem a posição do gramático e o tira do campo dos que denomina “empoderade”. O uso do próprio recurso da letra “e” no lugar de “a” ao final das palavras “empoderade” e falates já denotam sua concordância com essa utilização. A *reação discursiva engajada e crítica* está presente neste comentário visto que há um posicionamento de concordância com o uso já que o utiliza no comentário e ao mesmo tempo, endossa as falas dos dois lados: os que concordam com a utilização de uma linguagem neutra dos que não concordam, ressaltando o entendimento da língua como algo vivo, ou seja, que se modifica independentemente da vontade de quem fala. A intenção da linguagem não-binária é “trazer uma reflexão acerca do binarismo presente na língua portuguesa e a dificuldade de pessoas não se identificam com o binário de gênero [...] nas formas escrita e falada”. (LAU, 2018, p. 13). Vejamos as considerações do próximo comentário.

*Trecho 2: “Só num país **absurdo** como este, pessoas **absolutamente ignorantes** defendem o indefensável. Mudar uma língua a **fórceps**. Que exercício de **totalitarismo esquizofrênico!**” (grifo nosso)*

Posicionando-se de forma desfavorável/negativa ao uso do recurso, o autor do comentário utiliza a palavra “fórceps” que indica a intensificação da ideia de uma mudança da língua à força, de maneira obrigatória. Essa analogia que relaciona a mudança de língua ao instrumento cirúrgico utilizado para auxiliar nos partos com certas complicações, facilitando a passagem da cabeça do bebê

pela vagina, é muito agressiva. A rejeição ao uso da linguagem não-binária é reforçada quando é utilizado o termo “totalitarismo esquizofrênico” para tratar dessa mudança na língua. A esquizofrenia que é um distúrbio mental, de incapacidade de pensamento claro, associado ao uso da linguagem neutra nos possibilita concluir que o internauta acredita que esse tipo de linguagem dificulta o pensamento e seu uso seria uma imposição totalitária e uma alucinação. Tais escolhas léxico-gramaticais revelam o julgamento totalmente negativo. O autor do comentário ofende as pessoas que utilizam o recurso em discussão, com a palavra: ignorantes. Intensificado pelo recurso de gradação de força com o emprego do advérbio “absolutamente”. Esse termo “absolutamente ignorantes” produz um discurso de generalização depreciativa. O comentário acima apresenta uma *reação discursiva de crítica* ao realizar um julgamento de estima social ligado à normalidade, ou falta dela, no sentido que coloca o uso da linguagem não-binária como um exercício de totalitarismo esquizofrênico, ou seja, estabelecendo relações com problemas mentais e um regime político não democrático. Outro aspecto a ser observado é o uso da palavra “absurdo” adjetivando o nome “país” demonstrando a falta de lógica e coerência do país e da possibilidade de uso da linguagem não binária. Além disso, o advérbio “só” para se referir ao Brasil, já reprova e debocha do país, por cogitar a utilização da linguagem não-binária. Pessotto (2019) afirma que as criações de não-binaridade são preocupantes para alguns linguistas devido a interferência na organização interna da língua. Contudo, de acordo com Lau e Sanches (2019, p. 103) “[...] a LNB (linguagem não-binária) traz visibilidade para uma comunidade que de certa forma é apagada na língua devido a questões que provém ainda dessa visão colonialista de língua[...]”. Por isso, faz-se necessário refletir sobre novos olhares à respeito de nossa língua. Partimos para uma nova reflexão sobre a linguagem neutra no comentário a seguir.

*Trecho 3: “Dado ao histórico machismo na própria ABL, **não é surpresa** a insatisfação de certas **figures.**” (grifo nosso).*

Neste comentário o internauta apresenta um posicionamento positivo quanto ao uso da linguagem não-binária e faz uma crítica julgando negativamente a conduta social dos membros da Academia Brasileira de Letras

quando afirma o histórico machista da ABL e coloca como uma atitude esperada. O posicionamento de colocar ABL como machista, já demonstra um pensamento de desejo de uma língua mais inclusiva. Além disso, afirma seu posicionamento concordando com o uso da linguagem em questão, já que a utiliza em “figures”, demonstrando uma *reação engajada* em que concorda com seu uso e endossa seu posicionamento quando coloca a ABL como machista. Assim, o internauta aprova o uso da linguagem não-binária, compreendendo-a “[...] como uma das armas mais poderosas dentro da sociedade e com ela podemos questionar as relações de poder[...].” (LAU; SANCHES, 2019). Lancemos o olhar para outras perspectivas diante a linguagem não-binária.

*Trecho 4: “Sadraque Abreu ler isso pelo amor de Deus **kkkk** como a pessoa tem a **audácia e confrontar** Evanildo Bechara? Deve ser muito **sem noção mesmo**, esse mundo tá **muito chato!**” (grifo nosso).*

Neste trecho nota-se um posicionamento negativo quanto ao uso da linguagem não-binária, apresentando a *reação discursiva de engajamento* em que o autor do comentário utiliza da construção de autoridade que o gramático Evanildo Bechara possui no assunto, devido sua ocupação, para validar a posição assumida. Esse aspecto pode ser observado pela expressão “audácia e confrontar”. Essa posição de autoridade confere ao gramático poder que é afirmado pela internauta que compreende que Bechara não pode ser contrariado, pois detém o saber. A frase interrogativa compõe o sentimento de incredulidade do autor do comentário. A expressão “sem noção mesmo” indica a intensidade da capacidade das pessoas confrontarem o gramático. Além disso, o autor do comentário produz uma reação transacional, já que interage com outro interactante, buscando nesse, um apoio para confirmar seu posicionamento de deboche e piada, marcado com kkk. O uso da linguagem neutra é relacionado a algo “chato” e é acentuado pelo advérbio “muito”, demonstrando um sentimento do internauta. Apesar dos apontamentos do autor do comentário e da utilização do argumento da autoridade no discurso, segundo Lau, Sanches (2019):

É interessante problematizar essa utilização (ou não) no espaço acadêmico para problematização/reflexão sobre a LNB, seu uso em textos acadêmicos, utilização na forma oral durante a aula

pode (rá) ser utilizada ou não e se o espaço, entendendo este espaço com docentes preparades, dispostes e interessades a abrir esse espaço para reflexão. (LAU, SANCHES, 2019, p. 99).

É necessário refletir sobre a questão, pois percebemos que muitas pessoas ainda não entendem o uso desse tipo de linguagem e não notam alguma relevância para a sociedade. Isso é expressado no próximo comentário em análise.

*Trecho 5: “**Isso** vai mudar em todos os países lusófonos ou essa **baboseira** é **somente** aqui no Brasil?” (grifo nosso).*

Neste discurso, com base, nas escolhas léxico-gramaticais do internauta é possível perceber que a linguagem não-binária é vista de forma negativa. O “falante” realiza um julgamento direto adjetivado. Isso pode ser confirmado com a palavra em destaque: “baboseira”. Essa posição desqualifica o uso dessa linguagem. Assim como, o uso do pronome indefinido “isso”, que coloca pouco ou nenhum valor a linguagem não-binária. A *reação* publicada corresponde é a de *crítica*, pois julga negativamente o uso da linguagem não binária nos países lusófonos. Novamente, o advérbio de exclusão “somente” aparece para se referir ao Brasil, no sentido de reprovação e deboche pelo país cogitar a utilização da linguagem não-binária.

Este artigo não pretende apresentar uma posição correta, porém, segundo Lau, Sanches (2019), é necessário compreender a finalidade da linguagem não-binária que é levar a uma reflexão à respeito da binaridade da língua portuguesa e de sua impossibilidade de identificação com todes. No comentário abaixo observamos que a linguagem não-binária não é validada e, além disso, colocada como uma forma de destruição da língua.

*Trecho 6: Estudei **tanto**, li a maior parte do tempo da minha juventude. Mas o que acabei de vivenciar neste texto é **horrível!** Por favor, **não destruam** nossa língua. É **muito triste** ... (grifo nosso).*

Este comentário é envolvido de uma conotação negativa que pode ser observada de forma explícita nas expressões: “horrível”, “não destruam” e “muito

triste”. Na última expressão ainda há a palavra “muito” para indicar a gradação de intensidade. Demonstrando, dessa forma, um apelo à emoção para reforçar a tomada de posição. O autor expressa o quanto estudou e se utiliza, também, da palavra “tanto” para indicar intensidade. Esse comentário expressa o egocentrismo e individualidade presentes no momento em que internauta indica o quanto estudou, demonstrando sua resistência às mudanças, e sua indiferença com outros grupos de pessoas. E desqualifica o uso da linguagem não binária quando a denomina como “horrrível”. E suplica para não destruírem a língua. Porém, esse posicionamento indica que o internauta não consegue perceber que a língua é viva. Ela sempre estará se modificando. Essa *reação de crítica*, colocando a linguagem não-binária na posição de horrrível apresenta-se como uma resistência às modificações da língua. As transformações da língua são inevitáveis porém, sabemos que nem todas essas formas serão validadas e dicionarizadas. É preciso refletir sobre as ideias levantadas por Lau e Sanches (2019) de como as línguas podem ou não favorecer interesses de uma hegemonia e apagar outras manifestações.

No último comentário, observamos um posicionamento bem incisivo de não concordância com a utilização da linguagem neutra.

*Trecho 7: **Pronome neutro? Bobagem** inventada, a frase fica fora de sentido e não dar significância nenhuma, **mas** claro você **tem que achar lindo**; senão vão te chama te tudo que é palavra pra lhe ofender, **maior merda** isso namoral agora é pecado ser **HÉTERO** como ela diz? O cara não pode dar opinião dele e ela fala isso como se julgasse ruim, maior clichê só se ver isso, não tem base de conhecimento e ofender se tornou uma forma de se defender? **Kkkk** (grifo nosso).*

A posição do autor deste comentário, também, é negativa ao uso da linguagem neutra. Há a utilização de diversos procedimentos como forma de reforçar a posição assumida. Logo no início, há uma frase interrogativa que já apresenta o tom de quem emite o comentário. A palavra “bobagem” reforça esse posicionamento. E com a conjunção adversativa “mas”, o internauta acredita que mesmo para ele não tendo nenhum sentido, ele “tem que achar lindo” a

linguagem neutra, ou seja, a obrigatoriedade de concordância com o uso. O uso de expressões de baixo calão como “merda” com o intensificador “maior” enfatizam o descontentamento do internauta. O autor do comentário tenta criar uma base para refutar o posicionamento de quem é a favor do uso da linguagem não binária. Próximo ao fim, a palavra “HETERÓ” é colocada em caixa alta com finalidade de dar destaque e nota-se uma indignação quando usa a palavra “pecado”. Por fim, debocha com uso de “kkk”. A frase interrogativa, também, aparece como um recurso para questionar o uso da linguagem neutra. Considerando todos esses aspectos, é possível classificar o posicionamento acima como uma *reação discursiva crítica*.

É importante destacar como o levantamento da questão da orientação sexual foi exposta pelo autor do comentário. Porque o “pecado” normalmente é se definir como homossexual. Esse posicionamento nos faz refletir sobre o termo já discutido aqui, o da heteronormatividade, e como não existe uma visão por parte do internauta da necessidade de modificação da língua para ser mais inclusiva, já que isso é a justificativa de quem faz uso da linguagem não-binária.

São muitos os posicionamentos que discordam e questionam o uso da linguagem não-binária e sua finalidade. É necessário entender, para assim, refletir de forma intensa sobre a finalidade e validade das formas propostas de neutralidade da língua.

Considerações Finais

Pode-se perceber que os posicionamentos são variados, enquanto algumas pessoas acreditam que a marcação de gênero discutida no post, “é válida, outros, observam essa questão como exagerada e forçada. A maioria das ocorrências foram de julgamento negativo, ou seja, reações de engajamento negativo ou reações de crítica quanto ao uso da linguagem não-binária. Dentre esses posicionamentos negativos, observa-se que a maioria são partidários, no último comentário é possível notar uma postura religiosa, presente no termo “pecado”. Em um grau menor de ocorrências, estão as reações de engajamento positivo. As demais reações não foram observadas. Nos comentários foi possível identificar a gradação, principalmente, para intensificar as reações negativas.

O estudo do discurso nas redes sociais, como no Facebook, com foco nos comentários específicos sobre a linguagem neutra é uma forma de estudar a língua em uso e os sentidos construídos. Neste estudo, os papéis do Sistema de Avaliatividade e das Reações discursivas tiveram grande importância para as análises discursivas, permitindo com que pudéssemos ter como ferramentas, categorias que nos ajudaram a refletir sobre o social por meio da linguagem.

Pelo Sistema de Avaliatividade foi possível identificar as ocorrências de como os “falantes” se posicionavam diante da linguagem neutra, suas atitudes, positivas ou negativas, e os recursos de gradação que utilizavam para intensificar ou amenizar seus posicionamentos. Após uma análise mais ampla com as reações discursivas, pode-se refletir de forma mais detalhada sobre os léxicos selecionados pelos internautas posicionarem-se a favor ou contra. Em sua maioria, os internautas se posicionavam contra, mas não tinham conhecimento de qual é a finalidade de uma linguagem não-binária.

Este artigo pode contribuir para importantes reflexões de professores e estudantes sobre as questões de gênero e sexualidade ligadas a linguística, como a linguagem não-binária para que tenham argumentos consistentes para se posicionarem à respeito. Já que o uso da linguagem não-binária está presente em diversos contextos: redes sociais e trabalhos acadêmicos, uma discussão junto com os estudantes sobre o tema seria muito produtivo.

Por fim, este trabalho não pretende encerrar com as discussões sobre a questão da linguagem não-binária, mas fomentar mais provocações e estudos sobre o tema.

Referências Bibliográficas

ASSIS NETO, FL. “**Cordelisando**” a teoria **Queer**: uma análise das personagens travestis nos cordéis. In: MITIDIERI, AL., and CAMARGO, FP., orgs. *Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 97-116. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/5j38w/pdf/mitidieri-9788574554426-04.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2020.

BORBA, Rodrigo. DOSSIÊ: PERSPECTIVAS QUEER NOS ESTUDOS DA LINGUAGEM FALANTXS TRANSVIADXS: LINGUÍSTICA QUEER E PERFORMATIVIDADES MONSTRUOSAS. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. p. 391-409, 2020.

CRUZ, Osilene Maria de Sá e Silva da. **Avaliação e Avaliatividade em discursos de alunos surdos à luz da LSF**. p.205-234. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/kfrTDsDm8H8LtdWHVv8Fdsk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2020.

GOMES, Maria Carmen Aires. VIOLÊNCIA, INTOLERÂNCIA E CORPO FEMININO: ANALISANDO AS REAÇÕES DISCURSIVAS NA MÍDIA EM TORNO DA PRÁTICA DE AMAMENTAÇÃO. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**.v.18, p. 175-194, 2017.

LAU, Héilton Diego. **Pelo direito e orgulho de ser heterossexual no terceiro domingo de dezembro**. São Paulo: Pimental Cultural, 2018.

LAU, Héilton Diego; SANCHES, Gabriel Jean. A linguagem não-binária na língua português: possibilidades e reflexões making herstory. **Revista X**. Curitiba. v.14,n.4, p. 87-106, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/66071>. Acesso em: 20 set. 2020.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.2, pp.541-553.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

NOGUEIRA, Erika Cristina Dias; ARÃO, Lilian Aparecida. **Facebook como espaço de ação virtual**: uma análise sobre as reações discursivas na fan page de um movimento ambiental. 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2015.133.07>. Acesso em: 10 set. 2020.

PESSOTTO, Ana Lucia. **Língua para todes**: um olhar formal sobre a expressão no português e a demanda pela língua (gem) inclusiva. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/41827>. Acesso em: 10 set. 2020.

SCHWINDT, Luiz Carlos.(Abralin). Língua, gramática, gênero e inclusão. Youtube, 17 jul. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_AdQFP3ssAY . Acesso em: 01 jul.2021.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. 1. Ed. 2018.

TOLEDO, Leslie Companer de. (Org.). **Manual para uso não sexista da**

linguagem: O que bem se diz, bem se entende. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2014. 112 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3034366/mod_resource/content/1/Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf.

WHITE, Peter. VALORAÇÃO – A LINGUAGEM DA AVALIAÇÃO E DA PERSPECTIVA. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 178-205, 2004.